



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LITERATURA COMPARADA

ROSÂNGELA ARAÚJO GRACINO

**A LINHA TÊNUE QUE SEPARA A REALIDADE DA FICÇÃO:
A LIQUIDEZ DO AMOR NA CONTÍSTICA DE LYA LUFT E LYGIA FAGUNDES
TELLES**

GUARABIRA - PB

2013

ROSÂNGELA ARAÚJO GRACINO

**A LINHA TÊNUE QUE SEPARA A REALIDADE DA FICÇÃO:
A LIQUIDEZ DO AMOR NA CONTÍSTICA DE LYA LUFT E LYGIA FAGUNDES
TELLES**

Monografia apresentada à Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento aos requisitos para obtenção do título de Especialista em Literatura Comparada.

Orientador: Prof.Ms.Suênio Stevenson Tomaz da silva

GUARABIRA – PB

2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

G231l Gracino, Rosângela Araújo

A linha tênue que separa a realidade da ficção: a
liquidez do amor na contística de Lya Luft e Lygia Fagundes
Telles / Rosângela Araújo Gracino. – Guarabira: UEPB,
2013.

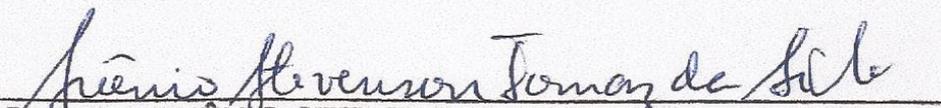
33 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em
Literatura Comparada) Universidade Estadual da Paraíba.

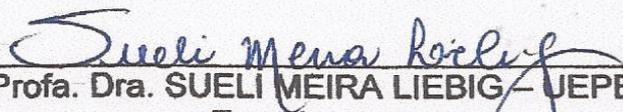
ROSÂNGELA ARAÚJO GRACINO

**A LINHA TÊNUE QUE SEPARA A REALIDADE DA FICÇÃO:
A LIQUIDEZ DO AMOR NA CONTÍSTICA DE LYA LUFT E LYGIA FAGUNDES
TELLES**

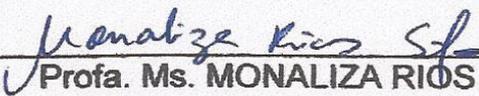
COMISSÃO EXAMINADORA



Prof. Ms. SUÊNIO STEVENSON TOMAZ DA SILVA – UFCG
Orientador



Profa. Dra. SUELI MEIRA LIEBIG – UEPB
Examinadora



Profa. Ms. MONALIZA RIOS SILVA – UEPB
Examinadora

Aprovada em 03 de setembro de 2013

Guarabira – PB
2013

Ao meu esposo Paulo Gracino da Silva
por ter me acompanhado nesta jornada
com paciência e colaboração, dedico.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a **Deus** por ser a base das minhas conquistas;

À minha **família** e aos meus **amigos**, por acreditar e terem interesse em minhas escolhas, apoiando-me e esforçando-se junto a mim, para que eu suprisse todas elas;

Ao Professor **Suênio Stevenson** pela dedicação em suas orientações prestadas na elaboração deste trabalho, me incentivando e colaborando no desenvolvimento das minhas ideias.

Não se pode esquecer também que escrevo propondo uma releitura dos valores familiares e sociais do meu tempo: cada um de meus romances pode e deve ser lido como uma denúncia da hipocrisia, da superficialidade e da mentira nos tipos de relacionamentos mais estranhos ou mais comuns. Não é apenas o imponderável e o misterioso que me interessa, mas o grande desencontro humano.

LYA LUFT

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo central analisar, pela perspectiva comparatista, os contos "As Cerejas" e "Herbarium" de Lygia Fagundes Telles (2001), e "A Pedra da Bruxa" e "Bebês no Sótão", de Lya Luft (2008), buscando identificar a representação do amor e suas fragilidades dentro do universo ficcional das narrativas. De caráter bibliográfico, este trabalho traz inicialmente algumas considerações sobre o amor, tomando como referência, principalmente, as discussões de Zygmunt Bauman em *Amor Líquido* (2004) em que o sociólogo enfoca as fragilidades das relações humanas na contemporaneidade. Em seguida, apresentamos uma breve fortuna crítica de Telles e Luft, evidenciando características da ficção das autoras, sobretudo, concernentes às questões de gênero, assim como a representação do amor. Na análise, elegemos como categoria analítica a temática do amor, evidenciada nos contos em questão, ressaltando tanto as semelhanças quanto as diferenças de tal aspecto nas narrativas, como propõem os estudos da Literatura Comparada.

Palavras-chave: Amor. Fluidez. Lygia Fagundes Telles. Lya Luft.

ABSTRACT

This monograph aims at examining, the comparative perspective, the short stories "The Cherries" and "Herbarium" by LygiaFagundesTelles (2001), and "The Stone of the Witch" and "Babies in the Attic" by LyaLuft (2008) seeking to identify the representation of love and their weaknesses within the fictional universe of the narrative. Bibliographical, this paper presents some considerations about first love, with reference mainly discussions of Zygmunt Bauman in *Liquid Love* (2004) in which the sociologist focuses on the fragility of human relationships in contemporary society. Then, we present a brief critical fortune of Telles and Luft, showing the characteristics of fiction authors, especially concerning gender issues, as well as the representation of love. In the analysis, we choose as an analytical category the theme of love, evidenced in the stories in question, highlighting both the similarities and the differences in this aspect of the narrative, as proposed in the study of Comparative Literature.

Keywords: Love. Fluidity. LygiaFagundesTelles. Lya Luft.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 TECENDO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O AMOR.....	16
2.1 Amor: sentimento ou fragilidade humana?.....	16
2.2 Amor na atual conjuntura dos relacionamentos humanos.....	20
3 SOBRE AS AUTORAS E SUAS OBRAS.....	24
3.1 Lygia Fagundes Telles.....	24
3.2 Lya Luft.....	26
3.3 Uma visão do amor e da fragilidade dos relacionamentos humanos das personagens femininas nas autoras Lya Luft e Lygia Fagundes Telles.....	28
4 COTEJANDO O AMOR NOS CONTOS DE LUFT E TELLES.....	31
4.1 Análise dos contos.....	31
4.1.1 “As Cerejas” de Lygia Fagundes Telles” e “A Pedra da Bruxa” de Lya Luft.....	32
4.1.2 “Herbarium” de Lygia Fagundes Telles e “Bebês no Sótão” de Lya Luft.....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS.....	42

1 INTRODUÇÃO

No século XXI, as mudanças nas sociedades são perceptíveis e, conseqüentemente, os indivíduos são influenciados, a partir de tais transformações. As formas de governos e/ou administrações, as comunicações, as expressões culturais, e até mesmo os sentimentos acompanham as tendências do nosso tempo, fazendo com que o relacionamento com o outro se modifique a cada instante. O desenvolvimento tecnológico é considerado o elemento propulsor deste fenômeno denominado por Bauman (2004) de “mundo líquido”¹. Inclusive, o sociólogo polonês se destaca nos meios científicos, por produzir as suas pesquisas sobre a sociedade pós-moderna, destacando que até o amor tem se tornado “líquido”, perante às transformações do cotidiano.

E assim é numa cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro. A promessa de aprender a arte de amar é a oferta (falsa, enganosa, mas que se deseja ardentemente que seja verdadeira) de construir a “*experiência amorosa*” à semelhança de outras mercadorias, que fascinam e seduzem exibindo todas essas características e prometem desejos sem ansiedade, esforço sem suor e resultados sem esforço (BAUMAN, 2004, p. 22 grifos do autor).

Com base nesta modernidade líquida abordada por Bauman, que envolve até mesmo os sentimentos, iremos desenvolver a nossa análise literária nos apropriando de dois contos de Lya Luft e de dois de Lygia Fagundes Telles. Desta forma, estaremos dialogando com o amor explorado pelas duas escritoras e, ao mesmo tempo, buscaremos fundamentar as nossas compreensões em *Amor Líquido* (2004) de Zigmunt Bauman, por acreditarmos que essa obra é de grande relevância no que concerne ao amor vivenciado na chamada pós-modernidade.

É bastante complexa a compreensão da realidade atual, mas é necessária, sobretudo por termos a consciência de que os tempos mudam e, com estas mudanças, mudam os modelos de sociedade². É sabido que o ser humano é o agente transformador do seu tempo e espaço, bem como se transforma através da

¹ Indicamos estas duas referências para maior aprofundamento sobre os temas, uma vez que nos limitaremos apenas à análise do amor:

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. Capítulo 2.

_____. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007, Capítulo 5.

² Marc Bloch em sua **Apologia da História** diz que “o homem passa o seu tempo a montar mecanismos dos quais permanece em seguida prisioneiro mais ou menos voluntário” (BLOCH, 2001, p.63).

influência do meio que habita. Com base nestas afirmações, fica clara a necessidade da compreensão da sociedade denominada de pós-moderna, que Bauman (2004) designa de *modernidade líquida*³, pois entendemos ser fundamental compreender o nosso tempo para podermos agir diante da nossa realidade. Ou melhor, a compreensão do nosso meio se faz necessária para que possamos nos moldar a partir do seu contexto, do mesmo modo que conhecendo a nossa realidade poderemos interagir e moldá-la aos nossos desejos e/ou anseios.

Por este motivo, nos propomos a dialogar tanto com a produção científica de Zigmunt Bauman, quanto com a ficção literária de Lya Luft (2001) e Lygia Telles (2004) – *O Silêncio dos Amantes* e *Oito Contos de Amor*, respectivamente – buscando a compreensão da prática do amor em meio ao mundo transformado(r) dos dias atuais. Para dar maior profundidade às nossas análises, limitamos-nos aos estudos dos contos “Pedra da Bruxa” e “Bebês no Sótão”, de Lya Luft e “As Cerejas” e “Herbarium” de Lygia Fagundes Telles.

Este trabalho monográfico é produto de estudos estendidos, desde o início do Curso de Pós-Graduação em Literatura Comparada⁴, onde buscamos sempre dialogar com obras e autores, realidade e ficção, escritor e leitor. Na verdade, o que queremos dizer com isso é que a nossa realidade se confunde com a ficção quando fazemos as nossas leituras contextualizadas, daí a necessidade de fazermos este jogo entre autores, obras, leitores, realidade, ficção e o seu tempo.

O amor é de fato um tema bastante complexo, pois, de acordo com Costa (1998), trata-se de um sentimento interno do ser humano que se transforma com as mudanças das sociedades. Inclusive, este escritor apresenta em seu livro, *Sem Fraude nem Favor: estudos sobre o amor romântico*, a trajetória do amor romântico, desde a antiguidade até os nossos tempos, onde podemos perceber que explicar o amor significa compreender o seu contexto histórico.

³ Em entrevista a Denis Oliveira Bauman define modernidade líquida como um momento em que a sociabilidade humana experimenta uma transformação que pode ser sintetizada nos seguintes processos: a metamorfose do cidadão, sujeito de direitos, em indivíduo em busca de afirmação no espaço social; a passagem de estruturas de solidariedade coletiva para as de disputa e competição; o enfraquecimento dos sistemas de proteção estatal às intempéries da vida, gerando um permanente ambiente de incerteza; a colocação da responsabilidade por eventuais fracassos no plano individual; o fim da perspectiva do planejamento a longo prazo; e o divórcio e a iminente apartação total entre poder e política.

⁴ O Curso de Pós-Graduação em Literatura Comparada foi realizado na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III - no período compreendido entre novembro de 2011 e dezembro de 2012, tendo a defesa da monografia a ser realizada em agosto de 2013.

Zigmunt Bauman faz uma análise sobre o amor na pós-modernidade, destacando a fragilidade deste sentimento em meio a um mundo que ele denomina de *líquido*, pelo fato de entender que nada hoje em dia é feito para durar e aponta os reflexos desta sociedade também na forma de amar (BAUMAN, 2004). Percebemos, então, que, quando Costa(1998) faz seus apontamentos direcionados às transformações dos sentimentos (que em nosso caso específico é o amor), está mostrando também este amor líquido, híbrido, diluído e sem controle abordado por Bauman (2004).

No presente, o cenário mudou. O valor do amor foi hiperinflacionado e sua participação na dinâmica do bem comum chegou ao ponto zero. E, à medida que refluía aceleradamente para o interior do privado, o romantismo assumia a forma de moeda forte da felicidade junto com o sexo e o consumo. Diga-se de passagem que, desde o início, o amor tendeu a monopolizar a felicidade, de um modo que parecia desmesurado a espíritos mais críticos da cultura, como Engels (COSTA, 1998, p. 19).

Como a nossa área de atuação está direcionada à Literatura Comparada, iremos, desta forma, recorrer às escritoras Lya Luft e Lygia Telles, pois os seus contos têm muito a revelar sobre esta modernidade líquida que tem tornado também líquido o amor ou as suas relações.

Buscaremos fazer uma análise literária nos contos já referenciados, exatamente por percebermos algo de “real” em meio às obras fictícias destas escritoras. Se o contexto de um dado tempo pode explicar a realidade vivida, perceptível nas palavras de Santos (1998), acreditamos ser de grande relevância aprender com Telles (2001) e Luft (2008), a partir das personagens fictícias criadas, a representações do amor. Amor este que, segundo Bauman (2004), não ultrapassa os limites de um sentimento que beira a ficção (quando analisado dentro do seu contexto), pois se dilui com a maior facilidade nos tempos atuais.

Percebemos, nestas argumentações, que o amor está separado da ficção por uma linha bastante tênue, quase que imperceptível. Parece-nos até que nos contos de Lygia Telles e Lya Luft, o amor ganha mais solidez do que propriamente na produção científica de Bauman. Parece até que os quatro contos explorados em nossa análise, trazem mais realidade e solidez no amor do que na “verdade” científica trazida pelo sociólogo polonês. Por isso, propomo-nos a analisar

criticamente os contos, dialogando com a realidade, fundamentado na produção científica.

Quando insinuamos que percebemos algo de “real” em meio às obras e situações vividas pelas personagens, é porque compreendemos, que elas são essenciais para uma boa aceitação dessa obra por parte do leitor. Uma personagem bem criada e bem orientada por seu criador, dentro de uma narrativa rica em acontecimentos do mundo real, torna-se quase que um ser “vivo”, chegando por muitas vezes confundir o leitor. No entanto, sabemos que cabe ao escritor o poder dessa “vida” a sua personagem, afinal ele tem o domínio sobre sua criação.

De acordo com Antônio Cândido (1968, p.40):

A personagem é um ser fictício, - expressão que soa como paradoxo. De fato, como pode uma ficção ser? Como pode existir o que não existe? No entanto, a criação literária repousa sobre este paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial. Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste.

Entendemos dessa forma, que a personagem é o elemento mais atuante de uma obra literária, mas como já falamos anteriormente, só adquire significado no seu contexto.

Desta forma, a proposta do nosso trabalho é utilizar o método comparativo para compreender a forma de amar em Telles e Luft, uma vez que elas acabam produzindo situações onde as personagens interagem com a realidade pós-moderna, analisada por Zigmunt Bauman.

Para tais objetivos nos apoiaremos em Coutinho, Carvalhal (1994), Tasso da Silveira (1964) além de outros teóricos cujas obras fortaleçam as nossas propostas, por concebermos que a comparação literária possibilita uma exploração crítica fundamentada teórica e metodologicamente acerca dos objetivos pretendidos, que em nosso caso, é a identificação da fragilidade do amor, imerso nas obras de Luft e Telles. Buscaremos as semelhanças e diferenças para vermos se as autoras convergem ou divergem em suas produções, em relação ao amor. Também faremos a comparação entre as formas de amor encontradas nos contos e as encontradas na

realidade, analisando o contexto e as produções científicas, como já adiantamos em nossas argumentações.

Portanto, os contos *A Pedra da Bruxa e Bebês no Sótão*, de Lya Luft, como também *As Cerejas e Herbarium*, de Lygia Telles são os limites do nosso campo de estudo, mas acreditamos que as descobertas que poderemos fazer, a partir de tais análises, ultrapassarão as nossas expectativas e, conseqüentemente, as expectativas dos nossos leitores.

2 TECENDO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O AMOR

2.1 Amor: sentimento ou fragilidade humana?

A idéia do amor na cultura Ocidental, muitas vezes, está associada a uma dimensão trágica e a uma dimensão transcendental. A primeira, envolve o lado destrutivo do amor, onde os sentimentos, como: conflito, poder, sujeição e degradação se encontram. A segunda, determina que é através do amor que o indivíduo procura um sentido para a vida e se defende de todas as formas de conflitos. Sendo assim, “na prática, [...] ‘amar é sofrer’ e quem não quiser sofrer deve desistir de amar” (SANTOS, 1998, pp. 11-2).

Ora, então o que é verdadeiramente o “Amor”? Será apenas uma forma de agir com o outro que se quer ao lado? Amor pode ser um sentimento que uma pessoa nutre por outra, de forma carnal, emocional e fraternal? Ou até mesmo o querer bem, o querer se estar sempre ao lado do ser amado, do objeto amado, da ilusão do que é ser amor?

Se nos pautarmos em definições prontas, finitas, estaremos nos ajustando a definições advindas de livros, histórias ditas como românticas, do lirismo encontrado nos contos, nas explicações literárias ou de escritos há muito deixados por pensadores, filósofos e por aqueles que dizemos que são eternos românticos, amantes apaixonados.

O que buscamos neste trabalho, não é uma definição para tal sentimento e, sim, identificar como o amor se apresenta através das obras literárias de Telles (2001) e Luft (2008).

Uma definição mais comum para o amor pode ser encontrada nos Dicionários da Língua Portuguesa. Por exemplo, Aurélio Buarque Ferreira (2001), afirma que o amor é:

s.m. Afeição viva por alguém ou por alguma coisa: o amor a Deus, ao próximo, à pátria, à liberdade. / Sentimento apaixonado por pessoa do outro sexo: as mulheres inspiram amor. / Inclinação ditada pelas leis da natureza: amor materno, filial. / Paixão, gosto vivo por alguma coisa: amor das artes. / Pessoa amada: coragem, meu amor! / Zelo, dedicação: trabalhar com amor. // Amor platônico, amor isento de desejo sexual. // Por amor de, por causa de (FERREIRA, 2001, p. 46).

Essa definição é bem diferente das que encontramos atualmente. Esses sentimentos, quando transcrito no dicionário, são dessemelhantes aos descritos

pelas ciências e até mesmo pelas ficções mais elaboradas. A pós-modernidade trouxe para o cenário presente, a polêmica do sentimento mais simples e, ao mesmo tempo, mais complexo da alma humana, de acordo com Bauman (2004).

Na atual conjuntura, debate-se o amor na ótica econômica, política, histórica e cultural, onde os relacionamentos perpassam pelo caminho da configuração de uma sociedade moderna, tecnológica e à mercê das transformações do cotidiano.

De acordo com Zygmunt Bauman (2004), a cultura econômica impera nas relações dos seres humanos, consigo e com o outro. A questão do amor, como verdadeiro sentimento vivido pelo homem, abre nichos para as inquietudes de uma sociedade pós-moderna, repleta de pessoas que vivem de aparências.

Uma questão que podemos associar aos escritos de Bauman (2004) diz respeito à solidão enfrentada pelo indivíduo que se julga autônomo diante das redes sociais, mas, na verdade, o mesmo se revela dependente do outro por não haver a proximidade real, faltando-lhe o contato direto, essencial ao ser humano. Ou seja, esse modelo de amar se assemelha ao amor dos contos literários “A Pedra da Bruxa” e “Bebês no Sótão” de Lya Luft e “As Cerejas” e “Herbarium” de Lygia Fagundes Telles.

Bauman (2004, p. 98) afirma que o amor também é uma questão de fé, pois em uma de suas passagens, ele assemelha o amor ao próximo como sendo “um ato fundador da humanidade”. Para ele, o que vivenciamos nessa modernidade volátil seria uma forma de amor diferente, pois a doação de um pelo outro, não assegura que o outro irá se doar a você, mas sim, uma forma de sobreviver além da sua condição humana. Colocamos em conflito outro ponto interessante: a questão do amor-próprio. Como podemos nos amar? Será que devemos amar algo em nós mesmos? Segundo Bauman:

É verdade que o amor-próprio estimula a gente a se “agarrar à vida”, a tentar a todo custo permanecer vivo, a resistir e enfrentar o que quer que ameace pôr fim a nossa vida de modo prematuro ou abrupto, ou, melhor ainda a melhorar o nosso vigor e aptidão física para tornar efetiva essa resistência (BAUMAN, 2004, p. 99).

O desenvolvimento tecnológico, neste sentido, fortalece essa liquidez do amor, fazendo com que os indivíduos (des)amem constantemente e desconstruam até o amor-próprio. Costa (1998) defende que o amor, enquanto sentimento

incomensurável, é algo natural e não se expressa através da razão, mas enquanto construção cultural pode ser questionada teoricamente, não existindo uma obrigatoriedade de aceitação. Neste aspecto, subentendemos que o amor pode ser tratado como um compromisso, seja de fé, seja com o próximo, consigo mesmo, carnal ou afetivo. Enfim, é um compromisso e deve ser compreendido como tal. Não se deve questionar a incondicionalidade do mesmo, ou do sofrer em prol do ser amado, mas, de viver o amor com o outro, e não pelo outro.

A incapacidade da definição do sentimento amor é complexa, pois cada um conceitua ao seu modo, seja momentânea, seja permanentemente ou construída a partir da cultura que se vive. O amor, em uma sociedade moderna e tecnológica, desenvolve-se fluidamente, assim como os tempos “líquidos” definidos por Bauman. Tudo muda de forma muito rápida, momentaneamente, onde nada foi feito para durar, ou para se “solidificar”, e, evidentemente, neste processo pós-modernizante, o amor não se exclui às regras gerais.

Em entrevista à Revista ISTOÉ (2010), Zygmunt Bauman foi indagado sobre as questões debatidas em seu livro. Falou a respeito da modernidade, dos novos tempos, dos sentimentos que se desenvolvem sem os relacionamentos frente a frente, e de outros temas relevantes. Mais precisamente, o escritor foi questionado sobre o que seria (para ele) “amor líquido” e na oportunidade respondeu:

Amor líquido é um amor “até segundo aviso”, o amor a partir do padrão dos bens de consumo: mantenha-os enquanto eles te trouxerem satisfação e os substitua por outros que prometem ainda mais satisfação. O amor com um espectro de eliminação imediata e, assim, também de ansiedade permanente, pairando acima dele. Na sua forma “líquida”, o amor tenta substituir a qualidade por quantidade — mas isso nunca pode ser feito, como seus praticantes mais cedo ou mais tarde acabam percebendo. É bom lembrar que o amor não é um “objeto encontrado”, mas um produto de um longo e muitas vezes difícil esforço e de boa vontade (ISTOÉ, 2010, p. 01).

O que mais nos chama a atenção quando debatemos um tema tão cheio de veredas como este, é como o ser humano reage frente às suas emoções, sensações, e, é claro, como é que o seu expectador reage frente às suas ações.

O amor configura-se muitas vezes em obras literárias, como um sentimento infinito, incondicional e verdadeiro, gerando inúmeras contradições em obras que versam sobre o amor humano unilateral. Uma das características dos contos de Luft

no livro citado, é a presença do silêncio incessante dos amantes, onde a autora busca descrever suas emoções, suas aventuras e desventuras no campo amoroso, bem como as relações afetivas e/ou familiares. É o amor e suas contradições.

Dentro de um universo literário ficcional, a realidade científica defendida por Bauman (2004) se confunde com a ficção de Telles e Luft. *Amor Líquido* trata da fragilidade dos laços humanos em nossa capacidade de amar, visto que a constante mudança de nossa sociedade interfere em nosso pensar, agir e sentir e, assim, nos relacionamentos e na flexibilidade que demonstramos em nossos laços afetivos para com o próximo, com os nossos parceiros e, em especial, com nós mesmos.

Como mencionamos na introdução deste trabalho, seguindo o raciocínio de Bauman (2004), é possível observar que a interação em redes sociais evidencia a nova modalidade de relacionamento afetivo, levando em consideração a sua estabilidade emocional. Estes envolvimento podem ser desmanchados a qualquer momento, pois a facilidade da perda de contato com o outro é uma forma encontrada para desolidificar o amor e os relacionamentos. Para dar ênfase à discussão dos sentimentos do ser humano em meio às transformações sociais, Bauman (2004) explica que a atual situação não está propensa apenas para as relações amorosas ou vínculos familiares, mas, generaliza a todos os segmentos da sociedade dita pós-moderna.

Quando se trata de amor, a imagem que se tem, é aquela de ficar sempre perto da pessoa amada ou do que se deseja (de acordo com o senso comum), diferente do que atualmente se impõe ao indivíduo. Uma vida corrida, afazeres diários, trabalho, família, a busca por sucesso e diversão, ou seja, a vida do cotidiano deixa muitas vezes as questões do coração e da alma humana de lado.

É nessa ótica que Bauman (2004), trata dos contatos virtuais os quais o ser humano se propõe, a fim de satisfazer esta falta de tempo, levando a questionar como estão os relacionamentos. Será que as pessoas não sabem mais como manter um relacionamento a longo prazo? Ou apenas são novas formas de expressar o amor? Estes são os questionamentos de uma sociedade pós-moderna, marcada por profundas transformações.

Na visão de Bauman (2004), a cada dia, os relacionamentos amorosos estão mais fragilizados. A sociedade atual está em processo de construção de uma nova ética, voltada para os relacionamentos, podendo até ser caracterizado como

desumano, pois, se não está bom, não serve, pode ser trocado, desfeito o “negócio”, não passa apenas de uma comercialização dos sentimentos (BAUMAN, 2007).

Quando se trata de relacionamentos, pensamos na questão da confiança, que é um dos pressupostos que velava por sua firmeza, tanto na esfera amorosa, quanto nos vínculos familiares. O nível de confiança entre duas ou mais pessoas, era medido pelo conhecimento que se tinha uma das outras, era fácil dizer que se conhecia alguém, porque se “convivia” com aquela pessoa, coexistindo laços e vínculos de amizade. Afinal, o amor pode até ser a chave para a felicidade ou para a infelicidade, mas sem ele, “até o que engrandece perde a razão de ser” (COSTA, 1998, p.11)

Nessa conjuntura, as relações afetivas mudaram, passando a ser uma espécie de avaliação das informações, ou de checar aquilo que lhe é apresentado; não é mais um vínculo construído nas relações como um todo, desconsiderando que uma expectativa sobre algo ou alguém será concretizada no futuro. O que vemos, são formas de se relacionar e não envolvimento propriamente ditos.

2.2 Amor na atual conjuntura dos relacionamentos humanos

A definição romântica do amor não mais se encontra com um único sentido. O rótulo atribuído ao amor se confunde com os sentimentos que o envolvem, não sendo possível a compreensão exata do termo e/ou do estado de espírito em que se encontra o sujeito. De acordo com a situação, o amor pode ter o significado e a importância conveniente.

Para melhor explicação, aprofundamo-nos nas idéias do sociólogo polonês, uma vez que o mesmo não deixa clara a definição terminológica para o sentimento, mas nos apresenta algumas condições que podem servir como conselho prático (ou não) nos relacionamentos estáveis e duradouros.

Primeira condição: deve-se entrar no relacionamento plenamente consciente e totalmente sóbrio. Lembre-se; nada de “amor à primeira vista” aqui. Nada de apaixonar-se... Nada daquela súbita torrente de emoções que nos deixa sem fôlego e com o coração aos pulos. Nem as emoções que chamamos de “amor” nem aquelas que sobriamente descrevemos como “desejo”. Não se deixe dominar nem arrebatar, e acima de tudo não deixe que lhe arranquem das mãos a calculadora. E não se permita tomar o motivo em que você está para entrar por aquilo que ele não é e nem deve ser. A convivência é a única coisa que conta, e isso é algo para uma cabeça

fria, não para um coração quente (muito menos superaquecido). Quanto menor a hipoteca, menos inseguro você vai se sentir quando for exposto as frustrações do mercado imobiliário futuro; quando menos investir no relacionamento, menos inseguro vai se sentir quando for exposto às frustrações de suas emoções futuras (BAUMAN, 2004, p. 37).

Vejamos o quão confuso é este conceito, pois o próprio Bauman não consegue definir com exatidão o sentimento amor. Em 2004, ele apresenta uma série de regras básicas para a não frustração ao se envolver afetivamente, enquanto que em 2010, em entrevista à Revista ISTOÉ, quando questionado a respeito da possibilidade do sonho de um relacionamento estável e duradouro, o mesmo argumenta sobre tais divergências dizendo que:

Ambos os tipos de relacionamento têm suas próprias vantagens e riscos. Em um mundo “líquido”, em rápida mutação, “compromissos para a vida” podem se revelar como sendo promessas que não podem ser cumpridas — deixando de serem algo valioso para virarem dificuldades. O legado do passado, afinal, é a restrição mais grave que a vida pode impor à liberdade de escolha. Mas, por outro lado, como se pode lutar contra as adversidades do destino sozinho, sem a ajuda de amigos fiéis e dedicados, sem um companheiro de vida, pronto para compartilhar os altos e baixos? Nenhuma das duas variedades de relação é infalível. Mas a vida também não o é. Além disso, o valor de um relacionamento é medido não só pelo que ele oferece a você, mas também pelo que oferece aos seus parceiros. O melhor relacionamento imaginável é aquele em que ambos os parceiros praticam essa verdade (BAUMAN, ISTOÉ, 2010, p. 01).

Percebe-se, nas palavras do sociólogo, que o amor ao próximo é uma necessidade, mas que existem vantagens e riscos ao se apropriar deste bem necessário. Mas o que se deve esperar de um relacionamento sentimental? O amor pode, então, ser um pressuposto apenas idealizado e quase nunca alcançado, de acordo com as nossas pesquisas.

Amor não é receita pronta. Parece-nos que não existem medidas corretas para que a “receita” dê certo, apesar de Bauman (2004) apresentar alguns “ingredientes” para tal composto. Apenas inferimos que, trata-se de um processo que envolve sentimentos diversos e causa transformações. Podem ser, ao menos, palavras ditas, sensações vividas, narração de um ponto de vista, ou mesmo, uma junção de belas palavras para formar uma canção. Pois bem, cada qual pode se apresentar com uma forma diferente de amor e é nisso que Luft e Telles buscam transmitir em suas obras: as diferentes e possíveis formas de amar.

De qualquer forma, o amor desperta nos seres humanos as sensações e reações das mais variadas formas. Assim como Bauman, Telles em sua ficção também encontra dificuldades em definir conceitualmente o amor, pois em *As Cerejas*, ela transcreve um relacionamento que envolve a questão sexual, as descobertas de novas sensações e sentimentos, deixando subtendida a impossibilidade do controle sentimental. Ou seja, em ambos os autores, a presença da inconstância é marcante. Lya Luft também descreve as dificuldades que constituem os relacionamentos. Ela, por exemplo, em *Bebês no Sótão*, deixa transparecer as fragilidades que englobam o amor, a família e o sexo, propriamente ditos. Isto é, tanto Luft quanto Telles têm percepções convergentes com os ideais de Zigmunt Bauman, apesar dos três autores trabalharem com linguagem literárias diferentes. Isto nos remete às transformações do século XXI.

O que presenciamos, nessas situações, é apenas um crescente e infinito círculo de problemas, pois este e outros questionamentos serão discutidos ao longo desse trabalho, como a figura dos amantes descritas nos quatro contos aqui analisados, de Lya Luft e Lygia Fagundes Telles.

Lya Luft e Lygia Telles têm uma visão específica do que vem a ser o amor, seja ele do sentimento, da demonstração, da construção, do deslocamento, da redescoberta, da dinâmica dos relacionamentos, dos laços familiares, ou da própria sociabilidade do sentimento amor, entre as relações humanas.

Lygia Fagundes Telles e Lya Luft, sem medo algum de terem seus nomes sempre associados ao estigma do sentimentalismo subjetivista, enfrentam a complexidade do tema amor e nos mostram, pela via do discurso literário, que ainda temos muito a nos humanizar a partir dele.

Fica aqui registrado que não pretendemos desqualificar os ensinamentos sobre o Romantismo obtidos no passado. Queremos apenas indicar que, ultrapassados os entusiasmos iniciais, com a proposição de um novo modo de relacionamento, não faz mais sentido pensar que o amor necessariamente deva se apresentar como modelo único, não, ele muda de acordo com seu contexto histórico.

Voltando à alusão do sentimento amoroso como elemento emancipador de um ente mais humano e mais equilibrado entre os pólos da razão e da emoção, podemos dizer que em Telles e Luft o amor é humanizador, porque não se reduz às pretensiosas tentativas de definições objetivistas. Por outro lado, também não se desfaz num subjetivismo insondável, tornando sua mensagem incompreensível para

o leitor. O que define uma notável estruturação desses contos, é que as configurações dos elementos narrativos se pautam por um jogo dialético entre a objetividade e a subjetividade, conforme demonstraremos adiante.

Diante do exposto, acreditamos necessário apontar em Telles e Luft um amor sem fantasias, porque separado desse elemento que aliena e que se aproxima daquele amor romântico⁵ - cuja natureza leva o amante a projetar-seno outro - que, nada ou quase nada acaba por restar de sua própria individualidade ou, mais ainda, de sua própria humanidade.

Queremos salientar que essa falta de fantasia não indica certo tipo de descrença ou desesperança no amor em ambas as autoras; representa, apenas, um redirecionamento do lirismo amoroso, cujo encanto, sem dúvida, existe e transborda de seus contos, mas de um modo completamente sereno, alheio aos arruobos de paixão, como esperamos demonstrar nesta monografia através dos contos analisados.

⁵ Indicamos para maior aprofundamento sobre o tema, a referência utilizada em nossos estudos: COSTA, Jurandir Freire. Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1998.

3 SOBRE AS AUTORAS E SUAS OBRAS

3.1 Lygia Fagundes Telles

Lygia Fagundes Telles é considerada uma das escritoras brasileiras de grande prestígio na atualidade. Sua literatura retrata a vida na letra. Seus personagens fictícios se apresentam de forma tão bem organizada que termina por se confundir com o cotidiano.

A autora narra tanto o entusiasmo quanto a angústia que o amor desperta no sentimento humano. Ela joga com as palavras de forma coerente tornando a ficção mais atraente e mais próxima do nosso cotidiano. Expõe para o leitor seus preconceitos, medos e desejos, elementos necessários para a identificação do outro. O sentimento pelo outro é posto em “xeque” a todo o momento em suas obras, não sendo diferente, nos contos *As Cerejas e Herbarium*, objetos centrais da nossa análise.

Na coletânea *Oito Contos de Amor*, a autora narra sobre os conflitos da alma humana, bem como os obstáculos encontrados nas mais diversas formas de relacionamentos. Outra característica marcante de suas narrativas é que se iniciam com fatos tidos aparentemente banais, mas que, com o passar das palavras, ganha voz e vez, ganha um entorno em meio à realidade vivenciada, gerando a inquietude e muitas vezes a incompreensão do leitor, afinal, nem tudo pode ser explicado.

Não espero ser compreendida, espero ser lida. Se possível, amada. [...] Afinal, ninguém compreende ninguém, difícilimo conhecer pessoas, coisas. Quero que meu leitor seja parceiro – cúmplice nessa ambiguidade que é o ato criador. Ato que é desespero e apaziguamento. Ousadia e insegurança. Ansiedade e celebração (TELLES, 2001, p. 8).

Subentende-se que Lygia Fagundes Telles, autodescreve-se como uma pessoa preocupada com o que faz, ou com o que é, pois, ao produzir os seus contos, nem sequer tem a preocupação de querer ser entendida, mas deixa claro que o importante, neste caso, é ser lida, ou quem sabe, amada. Vemos, desta forma, a preocupação com o amor, mesmo que de maneira subjacente, pois se ela não pretende ser entendida e talvez amada, imaginemos compreender o amor expresso em suas obras. Através de seus personagens, vemos a profundidade das mazelas da

alma humana; as suas frustrações, desejos e vontades, como revelações de seu interior, que é exposto no desafio constante. Cada personagem tem seu simbolismo, sua marca, sua peculiaridade, mas sempre com fortes marcas sociais e psicológicas, numa convulsão de sentimentos, envolvendo sensações, ações e reações de personagens fictícios imerso em uma realidade literária.

A característica que pode ser definida como a “principal” da autora se reproduz na descrição de suas personagens, uma vez que as suas criações giram sempre em torno das mulheres, sendo a figura feminina quase que totalidade em seus contos e romances. A impressão que temos, ao ler os dois contos, de Lygia Telles é de que as mulheres em geral são mães, esposas, amantes com segredos e aflições, mas, são também mulheres que sensualizam, buscando a descoberta do amor, da verdade nos relacionamentos e do comprometimento com o outro. Ela traz o contorno de mulheres como uma representação fictícia do cotidiano real, cuja trama se confunde com o vivido, chegando a criar confusões na mente humana, mas subentendemos que estas são ações utilizadas a fim de encontrar o desconhecido e inflamar o leitor.

Penetrar no psicológico dessas mulheres é o que identificamos através das leituras de seus escritos. O comportamento psicológico das personagens dos romances e contos de Telles são formas reais de analisar as mulheres atuais, são criações imaginárias de uma autora que busca através das palavras, definir o ser humano na sua maior razão. Ou seja, é o contexto de uma época evidenciado a partir da ficção.

De maneira geral, Lygia Fagundes Telles não apenas narra as suas histórias, ela dá ao leitor um posicionamento. A autora investiga o íntimo, explorando conflitos existenciais e dramas pessoais. Para Telles o tema amor é a palavra escrita na consciência, buscando os preceitos de uma realidade vivida, num discurso que a define em seus escritos, de forma lógica e objetiva, sendo clara e precisa quando se trata de desvendar, em palavras, a alma e os sentimentos humanos, de acordo com Sônia Régis⁶:

O amor que enfeixa esses contos constitui um desafio para o leitor, pois compreende a variada gama do afeto humano como investimento poético. O sentimento pelo outro e o sentimento pela escrita encontram-se aqui

⁶ Professora de semiótica e literatura da FAAP e da PUC, além de escritora e tradutora, escreve em *Oito Contos de amor*, o conto “O Amor Tatuagem da Escrita”.

confundidos, marcando o espírito com os sentidos do corpo e da fala. (TELLES, 2001, p. 84)

Ao escrever sobre *Oito Contos de Amor*, a professora Sônia Régis tem a percepção da profundidade dos escritos de Telles, afirmando que as suas palavras são mais que meras descrições do cotidiano humano, são uma forma de revelar (de fato) a realidade. As palavras são fontes de inspiração para a escritora, mostram a sua proposta diante das fantasias do passado frente às transformações do presente. De acordo com a professora Sônia,

O acontecimento discursivo é o acontecimento da consciência; na trama, pouco a pouco vão ganhando contorno os obscuros meandros do pensamento, o interminável enredamento de associações, como borboletas capturadas em teias de aranha. O passado fantasia o encadeamento do presente, o presente é carregado de transcendência, tudo exposto nos tensos nervos dos signos. A palavra é a consciência da vida se construindo, já que, como afirmou Clarice Lispector, “atrás do pensamento não há palavras: é-se” (*Água Viva*) (TELLES, 2001, p. 85 grifos da autora).

A sua busca pelo amor, nada mais é que um presente para seus leitores, convidando-os a uma reflexão sobre o sentimento amor e sobre a vida. O amor retratado em seus contos são jogos de palavras que, de acordo com as percepções de Sônia Régis, resultam das tramas elaboradas, a partir das suas inspirações e findam por refletir no cotidiano. Telles nem sempre diz com as palavras o que realmente quer dizer, mas a partir de uma análise crítica aprofundada percebe-se que ela deixa o leitor à mercê de suas próprias interpretações. As situações abertas em seu texto são signos a serem desvendados pelo leitor e acabam sendo uma experiência à parte. Ou seja, o amor nos contos de Telles são reflexos de uma modernidade fragmentada e solta pelo ar, comparando-se ao *amor líquido* de Bauman (2004).

3.2 Lya Luft

Escritora Gaúcha que começou sua trajetória literária nos anos 1960. É (re)conhecida por sua luta contra os estereótipos sociais, trata em suas narrativas de traumas, tragédias e dores, constituindo um misto de realidade e ficção, com fortes temáticas debatidas em nosso cotidiano⁷. A impressão que temos, é que a autora escreve para tentar entender o mundo e a vida, se utiliza das palavras e

⁷ Afora sua vasta obra Literária a autora recebeu vários prêmios: Alfonso Storni(1980); Erico Veríssimo(1984);APCA (1996) e o prêmio Machado de Assis 2013-pelas obras publicadas em 2012.

personagens, na tentativa de investigar o que existe de mais profundo na alma humana.

Luft mostra, em sua trajetória literária a discussão de temas atuais. Mas, também apresenta outro olhar que não esse revolucionário, um olhar que observa o lado difícil e sombrio da inquietude da alma humana. Nada de “e viveram felizes para sempre”, pois tem que ser contextualizado, tem que ter voz, alma, contorno e vida, não pode apenas se assemelhar aos estereótipos românticos do passado, onde tudo era aceitável em nome do amor.

A autora desenha em suas personagens um amor que parte da superação e/ou da razão, mas, muitas vezes, essas mulheres que agem de forma racional se superando a partir das experiências são estereotipadas, mas não emolduradas, por uma sociedade de consumo exacerbado, como a que se estabeleceu no século XXI. Suas personagens estão imersas em uma profundidade de preceitos, conceitos, sensações e reações que perpassam do conto para a vida real. A vida real é configurada nas palavras e nos traços lineares de suas obras, entendendo-se que, a realidade permeia em demasia os textos de Lya Luft.

De um apurado cunho crítico, referente às relações de gênero ou à supremacia estabelecida nas relações entre homem e mulher, a autora pode ser considerada uma referência para o seu tempo no trato com o amor. Ela se autodescreve e descreve sua produção, diante das imposições estabelecidas pela sociedade referente à questão de gênero, afirmando que:

Não existe isso de homem escrever com vigor e mulher escrever com fragilidade. Puta que pariu, não é assim. Isso não existe. É um erro pensar assim. Eu sou uma mulher. Faço tudo de mulher, como mulher. Mas não sou uma mulher que necessita de ajuda de um homem. Não necessito de proteção de homem nenhum. Essas mulheres fragezinhas, que fazem esse gênero, querem mesmo é explorar seus maridos. Isso entra também na questão literária. Não existe isso de homens com escrita vigorosa, enquanto as mulheres se perdem na doçura. Eu fico puta da vida com isso. Eu quero escrever com o vigor de uma mulher. Não me interessa escrever como homem. (LUFT, Entrevista, 2009).

Compreendemos a partir das palavras da autora, que na sua escrita, o sujeito feminino deve ter voz e vez, ele deve apresentar-se como um ser falante. A construção do eu feminino é o resultado das experiências sofridas com todas as transformações que ocorreram em nossa sociedade. Assumindo essas

transformações, o eu feminino deve sair do lugar à margem, para tentar ficar numa posição melhor. A construção feminina com uma nova consciência de si é o que a narração de Lya Luft enfatiza. O modelo que Lya Luft desempenha de mulher moderna, sempre sintonizada com o mundo, ela transporta para a sua narrativa ficcional, possibilitando visões diversas da vida.

3.3 Uma visão do amor e da fragilidade dos relacionamentos humanos das personagens femininas, nas autoras Lya Luft e Lygia Fagundes Telles

Na atualidade, a ficção produzida por mulheres, ou mais especificamente, a literatura de autoria feminina tem se revelado como um campo bastante fecundo para pesquisas.

A partir das primeiras décadas do século XX, com maior acesso ao ensino, ao trabalho e à cultura, houve também um aumento no número de mulheres que passaram a se dedicar à atividade da escrita ficcional. Assim, atuando em território no qual havia a predominância masculina, as mulheres também puderam oferecer a sua contribuição em relação à escritura de textos ficcionais e teóricos. Enfim, a mulher passou a atuar em todos os campos do saber e investiu uma luta sem tréguas para ter o reconhecimento do valor de suas produções, do seu trabalho e da sua identidade como ser humano ⁸.

Em tempos não muitos remotos, quando se tratava de literatura de autoria feminina, era comum a descrição de personagens femininos como sendo apenas corpos frágeis, precisando ser protegidos. Atualmente, com a análise e a introdução dessa literatura específica, estamos dando espaço para uma nova forma de encarar os levantamentos dos materiais teóricos, visando à contextualização de problemas de gênero, da mesma forma, a representação social da mulher em nossa sociedade, sem mencionar a profunda contribuição para a literatura, na construção de personagens.

Em Lya Luft e Lygia Fagundes Telles, analisaremos como o amor é experimentado e como essas demonstrações de sentimentos se identificam tão bem

⁸PRIORE, M. L. M. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.

com nossa realidade liquefeita, onde tudo se transforma muito rápido e valores que antes tinham grande significado, a exemplo, da família e do amor de forma geral, hoje, é quase sempre remetido a segundo plano.

As personagens de Luft e Telles trazem características que as aproximam do cotidiano. Os conflitos que cercam essas personagens ficcionais sintetizam toda problemática da sociedade contemporânea, descritos em sua obra, como um vilão que não protege o ser humano da desventura que a falta de amor poderá lhe causar, pela incomunicabilidade que permeia todos os contos, gerando um empecilho para a dinâmica dos relacionamentos.

Telles e Luft constroem seus enredos de forma inquietante, fazendo o leitor buscar através das personagens a compreensão de como o amor é configurado na trama, em determinado tempo e espaço, pois, como as autoras evidenciam, em sua narrativa, é que o amor é uma forma distinta de se expressar um sentimento, criado para descrever o que se sente quando se almeja algo.

A realidade descrita por Lya Luft se assemelha a de Lygia Fagundes Telles, quando as mesmas fazem menção às questões da realidade do comportamento relacional estabelecido pelo ser humano. Suas personagens femininas procuram amparo e consolo, enxergando mais além dos estereótipos que a sociedade lhes impõe cada dia mais. Pontos como: a tranquilidade, a inteligência, a sensibilidade, a coragem e a obsessão pelo ser amado, com são tratados em suas narrativas, demonstram que os relacionamentos amorosos ou familiares, ou com o próximo, são pontos em comum das personagens femininas em ambas as autoras.

A narrativa de Lya Luft induz o leitor à reflexão, pois muitas vezes o calar eo silenciar de suas personagens encontram respostas para suas inquietações, dando desfecho para histórias cheias de simbolismos e o cotidiano contado em palavras que demonstram a razão e a fragilidade da alma humana.

[...] _ Ele pediu para conversar, e eu recusei. Naquela manhã mesmo. Como pude fazer isso, como não percebi que ele estava pedindo socorro?
 [...] _ Eu era pai dele. E a única vez em que precisou de minha ajuda, eu não atendi. Estava atrasado para um compromisso qualquer. Penso nisso cada dia, quando acordo, antes mesmo de abrir os olhos(LUFT 2008 ,p,18)

Esses conflitos narrados acima, extraídos do conto “A Pedra da Bruxa”, nos reportam à obra de Bauman (2004) - *Amor Líquido* –, onde vemos a liquidez dos valores da família e do amor, que são deixados para segundo plano, para quando se tem tempo. Da mesma forma encontramos na ficção de Lygia Fagundes Telles,

personagens desencantadas, fadadas de tantos desejos frustrados, desencontradas de si e das pessoas que amam.

Encarei-o. Através das lágrimas ele pareceu-me naquele instante tão belo quanto um deus, um deus de cabelos dourados e botas, todo banhado de luar. Fechei os olhos, já não me envergonhava de mais nada. Um dia ele iria embora do mesmo modo imprevisto como chegara, um dia ele sairia sem se despedir e desapareceria para sempre. Mas isso também já não tinha importância. Marcelo, Marcelo! chamei. E só meu coração ouviu (TELLES 2001, p.18).

Vejamos que o fragmento de “As Cerejas”, acima citado, demonstra através de sua personagem a impossibilidade dos relacionamentos amorosos, gerando esta solidão que é tão característica em nossos dias atuais.

Luft e Telles buscam, através de suas personagens femininas, trabalhar a questão da construção de uma identidade, tentando romper com os processos de dominação e opressão que as mulheres sofreram em nossa sociedade. A modernidade deu a chance de evolução e é nessa vertente que as autoras procuram descrever as suas “heroínas”, apontando suas perdas para que no futuro, após colher experiências dos fracassos e indo à luta, quem sabe, poder alcançar glórias.

Quando Lya Luft trata do seu “lugar no mundo” através de uma personagem representada no conto “Encontros”, (LUFT, 2008, p.101), entendemos que agora a casa não é mais o lugar da mulher, o mundo é seu lugar, os desafios da vida a aguarda.

Portanto, os contos em análise representam as transformações ocorridas na história do amor ao longo dos tempos, descritos por Costa (1998), como também mostram a realidade de um universo transformado pela chegada de uma modernidade líquida.

4. COTEJANDO O AMOR NOS CONTOS DE LUFT E TELLES

4.1 Análise dos contos

O conto é um gênero literário que se caracteriza principalmente pela sua brevidade. Normalmente é um fato narrado, onde os acontecimentos anteriores e os posteriores se fazem presentes na trama exibida, fazendo do mesmo um texto curto, mas que aguça o imaginário do leitor. Mesmo sendo uma narrativa curta, ele apresenta todos os elementos estruturais das grandes narrativas: personagens, enredo, tempo, espaço e foco narrativo.

De acordo com Alfredo Bosi (1977), o conto moderno brasileiro é “posto entre as exigências da narração realista, os apelos da fantasia e as seduções do jogo verbal, ele tem assumido formas de surpreendente variedade” (BOSI, 1977, p.7). A produção literária de alguns escritores brasileiros, nos levou a perceber que houve transformações importantes dos contos no Brasil. É nesse cenário da ficção contemporânea que destacamos a literatura de Lygia Fagundes Telles e Lya Luft, buscando demonstrar através dos quatro contos escolhidos, o amor como elemento (in)constante, que se apresenta de formas distintas em meios aos escritos das autoras. O tema *amor* talvez seja um dos mais antigos e mais explorados pela literatura mundial. A história nos mostra que, desde o amor romântico, até os nossos dias, é o sentimento mais presente na vida dos seres humanos.

A partir da ficção de ambas as autoras, traçaremos uma trajetória desses contos, procurando identificar como o amor se apresenta e como ele pode ser associado ao nosso cotidiano. A contística de Lygia Fagundes Telles e de Lya Luft nos leva a crer que, o tempo corrói os sentimentos, e uma vez dissolvidos faz nascer o tédio. O amor separado por essa “linha tênue” se entrelaça à vida, levando os relacionamentos inevitavelmente ao fim, seja através da separação de corpos ou através de uma convivência isolada, como bem expõe Bauman (2004) acerca dos relacionamentos.

O principal herói, deste livro é o relacionamento humano. Seus personagens centrais são homens e mulheres, nossos contemporâneos, desesperados por terem sido abandonados aos seus próprios sentidos e sentimentos facilmente descartáveis, ansiando pela segurança do convívio e pela mão amiga com que possam contar num momento de aflição, desesperados por “relacionar-se” (BAUMAN, 2004, p.8).

Entendemos assim, que da mesma forma que a narrativa ficcional de Telles e Luft, a escrita de Bauman (2004), ao tratar dos conflitos relacionais amorosos e das buscas por relacionamentos saudáveis, onde se possa viver em harmonia, se aproximam da ficção desses contos que retratam a realidade da modernidade em que vivemos.

Analisaremos sob a ótica ficcional, os contos “As Cerejas” e “Herbarium” de Lygia Fagundes Telles e “A Pedra da Bruxa” e “Bebês no Sótão” de Lya Luft, de modo que seja possível caracterizar a representação do amor nos contos dessas autoras, procurando ao mesmo tempo, detectar semelhanças da representação desse amor com nosso mundo “líquido”.

Diante do exposto, sem mergulhar nos exageros do sentimentalismo romântico e nos excessos realistas, Telles e Luft mesclam o equilíbrio entre a razão e a emoção, possibilitando a criação de obras, nas quais o amor funciona, muitas vezes, como eixo temático de forma oculta aos olhos do leitor, faltando apenas o instinto investigador e interpretativo do mesmo para que possa ser percebido o sentimento.

Desta forma, optamos por analisar estes contos por entendermos que, através deles, poderemos encontrar o amor como representação do nosso cotidiano, mesmo que com o olhar da ficção.

4.1.1 “As Cerejas” de Lygia Fagundes Telles e “A Pedra da Bruxa” de Lya Luft

O conto de Telles, “As Cerejas”, discorre sobre a descoberta do amor e da sexualidade, onde a narradora lembra de forma resumida toda história que será apresentada no decorrer do texto. Enquanto que Luft em “A Pedra da Bruxa” apresenta o amor sem envolver a sexualidade. Sendo assim, a presença do amor nos dois contos é inquestionável, mas o que os torna diferenciados é a maneira como esse sentimento se apresenta em cada narrativa. Estes detalhes ficam expressos ao longo das narrativas e do desenrolar das tramas.

Quando a narradora de “As Cerejas” discorre sobre as peculiaridades das demais personagens, o que nos chama a atenção é o fato de ela descrever todas as tarefas e ações detalhadamente, com exceção do momento em que se dirige ao

Marcelo (personagem que protagoniza a representação do amor ao lado de Tia Olívia). Ela descreve o mesmo como sendo “muito louro” (p. 15), mas declara não se lembrar da sua voz, apesar de sido ele o objeto de desejo dela na trama.

Entendemos com isso, que o rapaz tido como diferente, em “As Cerejas”, está representando o amor sem apego e sem compromisso de uma época em que nada se solidifica. A narradora também afirma não lembrar a sua voz, podendo ser interpretada como uma descompromissada afetivamente.

Vejamos que este conto tem como cenário uma estrutura familiar, mas o amor praticado não é apenas aquele direcionado às famílias. É uma história que envolve amor, sexo e traição. Ou melhor, é uma história que envolve falta de amor, liquidez e momento. De modo diferente, “A pedra da bruxa” traz um roteiro desenvolvido também na estrutura familiar, mas o amor construído na trama se reporta ao amor de família, sem a utilização da prática sexual.

Comparando as personagens centrais dos dois contos, podemos observar que existem muitas semelhanças entre ambas. Por exemplo, o jovem Marcelo, de “As Cerejas”, e o filho que voou, de “A pedra da bruxa”, são tidos como estranhos diante dos conceitos familiares. Os dois apresentam na ficção o que a realidade pós-moderna define como amor líquido. Enquanto um rejeita o amor sufocante da mãe, que podemos identificar quando o personagem diz “mãe não me abraça com tanta força, mãe para de me tratar feito bebezinho, não me controla!” (p.13); o outro não se prende ao amor desejado da prima, perceptível na fala na própria narradora ao declarar que:

Encarei-o. Através das lágrimas ele pareceu-me naquele instante tão belo quanto um deus, um deus de cabelos dourados e botas, todo banhado de luar. Fechei os olhos. Já não me envergonhava das lágrimas, já não me envergonhava de mais nada. Um dia ele iria embora do mesmo modo imprevisto como chegara, um dia ele sairia sem se despedir desaparecia para sempre. Mais isso também não tinha importância. Marcelo, Marcelo! Chamei e só meu coração ouviu (TELLES, 2001, p. 19).

O garoto que queria voar pode ser identificado em o rapaz que queria a liberdade ao lado dos cavalos, ou que queria correr livre como os cavalos. Luft e Telles explicam os nossos argumentos em meio às suas ficções. Quando a primeira ao questionar o costume que o garoto tinha de ficar à beira da pedra tão alta, o mesmo respondeu conscientemente dizendo para não se preocupar, pois “se cair de

lá abro as asas e saio voando!” (p.17); já a segunda explica tal passagem ao falar da repentina partida de Marcelo, fazendo uma alusão aos costumes da personagem afirmando que ele vivia “só às voltas com cavalos, montado em pelo, feito índio” (p. 23). Percebe-se então que as duas personagens têm ideais considerados frutos da modernidade, que Bauman cientificamente denomina de líquida.

Nos dois contos encontramos duas personagens conservadoras, que em “A pedra da bruxa” é representada pela mãe protetora, e em “As Cerejas” é representada pela Madrinha. Ambas amam incondicionalmente e parece não perceberem as mudanças que os tempos trazem. Estas parecem viver em outra realidade. Elas amam com solidez, apesar de o amor ser fluido em nosso tempo. A mãe protetora luftiana se culpa pelo desaparecimento de seu filho dizendo: “ele, meu filho tão extraordinariamente amado, [...] eu, me considerava a melhor das mães” (p, 13) confirma nosso argumento. A narradora explica o conservadorismo da Madrinha comentando a apresentação dela ao primo Marcelo, citando palavras da mesma: “pronto, Marcelo, aí está sua priminha, agora vocês poderão brincar juntos” (p.17). Entende-se com isso que ambas as personagens vivem um amor com ideais ultrapassados, sob a ótica de um olhar pós-modernista.

Na ficção, a tia Olívia é o retrato da modernidade líquida, representante do amor solúvel real analisado por Bauman (2004). Ela não fixa a sua vida em coisas concretas, mas sim em momentos agradáveis, em algo prazeroso e necessário para aquele instante, para o já. Mas, o pai do “garoto voador” também representa muito bem este modelo de amor, apesar de não envolver sexualidade como já explicamos. Ele é aquele que ama a partir das determinações do mercado consumidor, a partir das regras do mundo consumista e sem compromisso com a duração dos relacionamentos. Aliás, ele seria aquele que perde o amor sem sequer perceber que o perdeu, como fez em “A pedra da bruxa”.

Os demais personagens incorporados nos dois contos seriam tidos como exemplos de “normalidade” em um mundo cada vez mais “anormal”. Ou seja, eles amam de acordo com o que lhes são impostos, um dos fundamentos do pensamento de Bauman (2004).

A imagem que se forma nessas ficções literárias é que o amor entre os familiares acabam por se dissolver diante das consequências de um tempo onde nada é consistente e duradouro. Em “A Pedra da Bruxa”, a mãe cultua um amor daqueles tidos como tradicional, o pai ama como o seu tempo determina, o filho mais

velho vive de acordo com as regras impostas pela sociedade (através dos ensinamentos da família), enquanto que o mais novo é o retrato fiel da sociedade pós-moderna. Já no conto “As Cerejas”, a prima ama sem ser amada, mas parece não odiar a idéia; a tia Olívia e o moço Marcelo parecem viver aos moldes de uma pós-modernidade sem controle e sem sentido; enquanto que a madrinha cultua a tradição que não mais condiz com a realidade atual.

Vejamos, por exemplo, que na relação mãe-filho, ao fazermos o diálogo com fragmentos de “A Pedra da Bruxa”, apresentamos explicações plausíveis para as nossas interpretações. Vemos que o amor se apresenta em duas versões distintas, pois a personagem da criança central desde o princípio “não era um bebê tranqüilo. Não parecia contente no meu colo, só dormia quando eu o deixava sozinho no berço. Era uma criança quase sombria, comparado ao irmão mais velho” (LUFT, 2008, p.13-14), afirmara a mãe. Ou seja, o garoto já nascera sob a influência de um mundo sem controle, onde as pessoas não se apegam às coisas corriqueiras, mas a mãe continua a ter aquela visão ultrapassada pela liquidez da atual modernidade. É neste aspecto que identificamos os “amores” existentes em dois mundos paralelos em meio à ficção, não sendo absurdamente diferente da realidade exposta em Bauman (2004).

A relação familiar em “As cerejas” é diferente do conto de Lya Luft. Em trechos da obra, podemos perceber que a realidade é outra, pois existe a presença da sexualidade em meio à família, algo ainda tido como “anormal” para as sociedades brasileiras, por exemplo. A relação sobrinho-tia está à frente até mesmo da sociedade vivenciada atualmente. Mas compreendemos que o amor analisado por Bauman pode ser explicado a partir dessa relação. Seria uma espécie de conveniência, ou de interesses necessários e sem apego emocional. Seria uma troca que Jurandir Freire Costa (1998) definiria com sendo “sem fraudes nem favor”.

Portanto, se em uma narrativa encontramos uma trama que envolve família, amor e momento, na outra encontramos uma família envolvida em amor, momento e sexualidade. Se na ficção de Lygia Telles e de Lya Luft encontramos personagens que representam tão bem a realidade fragilizada de Bauman é porque nos parece que a produção literária está contaminada por resquícios de verdades. Ou melhor, é porque se compararmos “uma cereja, uma pedra e o amor”, apenas o amor é digno da inexplicabilidade, talvez com isso se explique a sua fragilidade, tanto na realidade quanto na ficção.

4.1.2 “Herbarium” de Lygia Fagundes Telles e “Bebês no Sótão” de Lya Luft

Encontrar o amor em uma história que de fato só houve insinuações, ou um amor sem contato carnal, como, por exemplo, se percebe em “As cerejas”, é bastante complexo. “Herbarium” traz uma narrativa que consiste no auto-relato do aprendiz amoroso não correspondido de uma adolescente, que se apaixona pelo primo botânico. A autora usa do simbolismo da natureza para descrever o amor que se desenvolve através da personagem central, que é a narradora do conto. A trama está repleta de subjacências que revelam um amor não correspondido, ou melhor, dois amores afastados pelas consequências do cotidiano. Mas como o nosso objetivo é fazer a comparação crítica de contos literários, buscando a identificação do amor e sua fragilidade, tentaremos encontrar relações entre “Herbarium” e “Bebês no Sótão”, das mesmas autoras das duas primeiras análises.

O conto de Lya Luft, assim como de Lygia Telles, também traz uma trama que se desenvolve sem aquele contato direto e/ou carnal, que é comum nos contos amorosos “tradicionais”. Como “Herbarium”, “Bebês no sótão” envolve figuras representantes de uma família, onde o amor sexuado está presente de forma implícita, mas tem amor e sexo⁹, pois é sabido que a autora tem estas características, fazendo valer o instinto interpretativo do leitor.

Ora, se a mocinha apaixonada de “Herbarium” vive à sombra de um amor impossível pelo primo, mas acaba por compreender a posição profissional entre os dois, imaginamos que esse amor reflete a fragilidade atual do sentimento. Isto pode ser comprovado no conto no momento em que ela se despede dele, pois a mesma sendo a narradora da trama descreve assim: “Encarei-o pela última vez, sem remorso, quer mesmo? Entreguei-lhe a folha” (TELLES, 2008, p. 46). Afinal, ela reage de forma racional às pressões do coração, respeitando o amor que lhe é interno, sob uma percepção bem pós-moderna. O primo, botânico, também se apresenta como uma personagem centrada nas obrigações do cotidiano, refletindo a realidade vivida em um mundo diluído, como se entende em Bauman, pois “Quando lhe entreguei a folha de hera com formato de coração [...] ele beijou a folha e levou-a ao peito. [...] Mas não me olhou nem mesmo quando eu saí [...]” (TELLES, 2001, p. 46), afirmou a apaixonada narradora. Os dois se ajustam aos moldes de uma

⁹ Entendemos que mesmo não falando explicitamente de sexo, a autora aborda o tema aborto em toda trajetória do conto, isto nos remete à premissa de que só existe o aborto quando praticado o sexo.

sociedade descompromissada com o amor, ou com outros sentimentos que tornem os envoltimentos firmes e duradouros.

Em “Bebês no Sótão”, a trama é diferente, mas envolve o amor fragilizado, até um tanto mais profundo do que em “Herbarium”. Entendemos assim porque nas personagens principais se encontram elementos que corroboram as nossas interpretações. A narradora do conto discorre sobre o drama vivido pelo seu tio Antônio, que passou a vida profissional fazendo abortos, como se fosse algo comum aos seus olhos, ou às suas convicções. “Tio Antônio, [...] Era divorciado e sem filhos. Brincava que nós éramos suas filhas. Mulherengo, dizia a minha mãe. Aborteiro, diziam minhas tias” (LUFT, 2008, p. 49). Foram estas as palavras usadas pela narradora para descrever um sujeito envolvido com o amor das formas mais distintas. Esta figura que é apresentada como uma pessoa que tem o amor paternal, o amor sexual e o (des)amor profissional, se autodefine na ficção como aquele que tira os fetos das barrigas das mulheres e finda por afirmar: “Eu nunca me importei, pra mim eram pedacinhos de carne, às vezes grandes coágulos, não tinham nada de humano. Alguns eram grandinhos, é verdade, mas como minúsculos bonecos. Você já viu algum?” (LUFT, 2008, p. 50).

Isto vem à tona por circunstâncias idênticas à presenciada no passado da narradora. Sua irmã passa pelo mesmo drama vivido pelo tio, só que em posição diferente, pois agora em vez de médica, ela é paciente. O remorso é uma constante nas duas personagens, mas as atitudes foram iguais e também foram as responsáveis por tais situações. Seria, portanto, uma realidade vivenciada a cada instante em uma sociedade que tem a característica de líquida.

O que temos neste instante é que justificar porque comparar os dois personagens principais de cada conto, relacionando com amor. Para isto não teremos tantas dificuldades, pois as atuações das duas personagens de cada conto (com exceção da irmã da narradora) giram em torno do profissionalismo exacerbado oriundo com o desenvolvimento tecnológico do século XXI. Ou seja, em “Herbarium”, o não envolvimento carnal é fruto de um profissionalismo extremamente respeitado(r), apesar de ser notório o amor afetivo entre os mesmos; em “Bebês no sótão” fica evidente o envolvimento do amor carnal da irmã paciente que fez um aborto, mas não mostra a relação direta do tio com o amor sexuado. No entanto, o fio condutor da trama se desenvolve a partir do amor familiar, do amor paterno e materno para ser mais exato, pois ela aborta um feto, ficando a lembrar os seus

remorsos, mas afirma que não “quer perder o namorado” (LUFT, 2008, p. 48); ambos se envolvem numa problemática bem típica da pós-modernidade, que é o aborto e as suas consequências, que findam por transformar as sociedades. Sem dúvidas, o amor é o elemento central da nossa investigação analítica nos contos. Mas devemos salientar que em Lygia Telles, subentende-se que não houve o envolvimento sexual não pelo fato de envolver parentes próximos e sim em virtude da ética profissional, ou do jogo de interesses que circulam as relações em um mundo como o atual.

Vejam que, como diz Bauman (2004), as relações amorosas em um mundo líquido devem ser centradas em benefícios mútuos ou individual, por isso o risco de se envolver sem o autocontrole da situação, ficando subentendido em “Herbarium”, no trecho que diz: “O chamado era urgente, teriam que voltar nesta tarde. Sentia perder tão devotada ajudadora mas um dia, quem sabe?... Precisaria perguntar à tia Clotilde em que linha do destino aconteciam os reencontros” (TELLES, 2001, p. 49).

Isso fica exposto na narração de “Herbarium”, como também em “Bebês no sótão”, pois a questão da independência familiar leva os indivíduos à atitudes que beiram o absurdo, quando visto sob um prisma menos pós-modernista. Viver fazendo abortos e morrer sentindo as consequências de tais atos. Estar em um leito sofrendo o desconforto de um ato que sequer sabe se é real ou fictício, garantindo a permanência ao lado da pessoa amada (não sabendo até quando) que não quer filho, mas não sabe se ele abomina o aborto; enfim, são situações fictícias que condizem com realidade atual e fortalecem as análises científicas de Zigmunt Bauman.

As demais personagens dos dois contos analisados não influenciam com relevância no desenrolar da trama, no que tange ao sentimento amor. Portanto, igualmente aos dois primeiros contos, estes dois que acabamos de analisar também trazem em sua essência, os elementos característicos das nossas interpretações: trama, família, amor e o reflexo da pós-modernidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O amor como sentimento é de difícil compreensão, sendo mais fácil procurar compreendê-lo dentro do seu contexto histórico, como defende Jurandir Freire Costa em seu livro *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico* (1998).

Historicamente, o amor sofreu diversas transformações, chegando em uma modernidade líquida, proposta por Bauman (2004), pois como podemos ver, é o contexto que explica a condição vivenciada pelas sociedades. Bauman (2004) traz suas contribuições para o entendimento deste sentimento tão simples e complexo ao mesmo tempo. É verdade que não apenas as contribuições científicas do sociólogo polonês, como também de outros pesquisadores das ciências são suficientes para tais compreensões e/ou explicações.

Neste sentido, as construções literárias também trazem as suas contribuições para os referidos propósitos. Afinal, “Se você pretende compreender a sua própria época, leia as obras de ficção produzidas nela. As pessoas quando estão vestidas em fantasias falam sem travas nas línguas” (HELPS *apud* SEVECENKO, 1998, p. 514). A frase converge para a idéia de analisar os contos literários de Lygia Fagundes Telles (2001) e de Lya Luft (2008).

Após a nossa análise comparatista dos contos “A Pedra da Bruxa” e “Bebês nos Sótão” de Lya Luft e “As Cerejas” e “Herbarium” de Lygia Fagundes Telles, pudemos chegar à conclusão de que a representação do amor nestas obras literárias condiz com a realidade fragilizada expressa por Zigmunt Bauman, em *Amor Líquido* (2004).

Analisando individual e comparativamente cada obra, relacionando com a realidade atual, verificamos que todos os contos analisados apresentam o amor e sua fragilidade. Encontramos diversas semelhanças e algumas diferenças, mas que no sentido geral confluem com os ideais de Bauman e de outros pesquisadores científicos que abordam a mesma temática.

As personagens apresentadas nos contos dialogam com o cotidiano. Ou seja, as autoras se utilizam de inúmeras manobras para produzir as obras literárias, que resultam por trazer à tona algumas verdades vivenciadas em nosso cotidiano.

Após uma leitura mais aprofundada em “A Pedra da Bruxa” pudemos perceber que a trama se desenvolve aos moldes da sociedade pós-moderna, mas sem perder as características peculiares da literatura. É apresentada uma família

que se encaixa nos parâmetros tidos como tradicionais, onde os dramas e os desencontros são constantes. Na ficção, o garoto que sonhava em voar, que não tinha apego ao amor materno e acabou desaparecendo misteriosamente, não se distancia das formas de amar da pós-modernidade.

Em o Amor Líquido, Bauman diz que:

Tal como o desejo, o amor é uma ameaça ao seu objeto. O desejo destrói o seu objeto, destruindo a si mesmo nesse processo; a rede protetora carinhosamente tecida pelo amor em torno de seu objeto escraviza esse objeto. O amor aprisiona e coloca o detido sob custódia. Ele prende para proteger o prisioneiro (BAUMAN, 2004, p. 25).

Desta forma, percebemos a confluência entre a ficção e o a realidade, em relação ao amor e seus conflitos.

O menino que voou para o desaparecimento está representado em “As Cerejas” na personagem de Marcelo – o jovem que sonhava com a liberdade -, até porque ambos vivem em mundo onde o amor é compreendido como algo necessário, mas não aprisionador. E neste caso, a nossa compreensão é de que mais uma vez a realidade está dissolvida na ficção, sobretudo em relação ao amor.

O jovem que sonhava em poder correr livre com(o) os cavalos, recusou os amores de uma adolescente e não se prendeu às seduções de uma dama, apesar de esta dama também se portar com as mesmas atitudes ditas pós-moderna.

Estas afirmações não contrariam as tramas encontradas em “Herbarium” e “Bebês no Sótão”. Vimos em “Herbarium”, por exemplo, uma dupla de personagens fictícias que se relacionam de forma racional, sem cobranças e nem apelos mais profundo. Remetendo-nos mais uma vez aos ideais de uma sociedade tipicamente volátil. Da mesma forma que em “Bebês no Sótão”, vemos uma trama até um tanto emancipada em relação ao nosso tempo, mas que trás em seu bojo os mesmos conflitos que envolvem o amor e seus interesses ocultos.

Portanto, as nossas análises literárias fundamentadas em Bauman (2004), a partir das suas pesquisas a respeito do amor, foram perfeitamente conduzidas pelos nossos objetivos e determinações. Como diria Tânia Carvalhal (2004), uma análise comparatista bem fundamentada teórica e metodologicamente pode facilitar na apreensão do objetivo pretendido. Não obstante, fizemos os estudos necessários para uma investigação crítica acerca do amor fragilizado pelos contos literários,

chegando à conclusão de que realmente, a ficção pode contribuir em muito para a compreensão da modernidade e do amor líquido que contagiam os tempos pós-modernos.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos.** Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004.

_____. **Vida Líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2007.

_____. **Modernidade Líquida.** Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.

_____. **Vivemos tempos líquidos. Nada é para durar.** In.: Revista **ISTOÉ** Online. Setembro de 2010. Disponível em: http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/102755_VIVEMOS+TEMPOS+LIQUIDOS+NADA+E+PARA+DURAR Acessado em: 01 de agosto de 2013.

BOTELHO, Raquel Lima. **O rito de iniciação, dos contos: As cerejas, de Lygia Fagundes Telles e Missa do galo de Machado de Assis.** In.: Cadernos de pós-graduação em Letras. São Paulo, v. 3, n. 1, p. 61-68, 2004. Disponível em: http://www.mackenzie.com.br/fileadmin/Pos_Graduacao/Doutorado/Letras/Cadernos/Volume_4/006.pdf Acessado em: junho de 2013.

CANDIDO, Antônio. **O Direito à literatura.** In.: **Vários Escritos.** São Paulo: Duas Cidades, 1982.

_____. **A Personagem de Ficção.** Digital Source, 1968. Disponível em: <https://www.google.com.br/#q=baixar+livro+antonio+candido+a+personagem+de+fic%C3%A7%C3%A3o> Acessado em: 10 de Julho de 2013.

CARVALHAL, Tânia Franco . **Literatura Comparada: .** São Paulo: Ed. Ática, 2004.

COUTINHO, Eduardo F., CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura Comparada: Textos Fundadores.** Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1994.

COSTA, Jurandir Freire. **Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico.** Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1998.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio Século XXI: o minidicionário da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

LUFT, Lya. **O Silêncio dos Amantes.** Rio de Janeiro: Editora Record - 5ª edição – São Paulo, 2008.

_____. **“Não me interessa escrever como homem”.** Entrevista, 2009. Disponível em: <http://feminices.arteblog.com.br/210622/Lya-Luft-Nao-me-interessa-escrever-como-um-homem/> Acessado em Julho 2013.

OLIVEIRA, Dennis de. Entrevista – Zygmunt Bauman. In.: Revista Cult. Edição 138, 2010. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/entrevis-zygmunt-bauman/> Acessado em: Agosto de 2013.

PRIORE, M. L. M. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.

RUFINO, Maria Cecília. **A representação do amor em contos de Lygia Fagundes Telles**. Rio de Janeiro: 110 fls. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

Disponível

em:<https://www.google.com.br/#q=maria+cecilia+rufino+a+representa%C3%A7%C3%A3o+do+amor+em+contos+de+lygia+fagundes+telles>Acessado em: Abril 2013.

SEVECENKO, Nicolau. **A Capital Irradiante: Técnica, Rítmicos e Ritos**. In.: História da Vida Privada no Brasil. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Marcos Antônio Martiliano. **O amor desromantizado em Lygia Fagundes Telles**. Disponível em: www.crmariocovas.sp.gov.br. 2011.

TELLES, Lygia Fagundes. **Oito Contos de Amor**. São Paulo: Editora Ática - 4ª edição - 2001.

VIANA, Maria José Amaral. **Amor - degradação – morte em dois contos de Lygia Fagundes Telles**. In.: Revista Literis. Nº 06, 2010.